



6 • Correio Braziliense — Brasília, segunda-feira, 8 de abril de 2024

Bolsas Na sexta-feira	Pontuação B3 Ibovespa nos últimos dias	Dólar Na sexta-feira	Salário mínimo	Euro Comercial, venda na sexta-feira	CDI Ao ano	CDB Prefixado 30 dias (ao ano)	Inflação IPCA do IBGE (em %)
0,5% São Paulo	127.548	R\$ 5,065 (+ 0,29%)	R\$ 1.412	R\$ 5,489	10,65%	10,62%	Outubro/2023 0,24 Novembro/2023 0,28 Dezembro/2023 0,56 Janeiro/2024 0,42 Fevereiro/2024 0,83
0,8% Nova York	126.795	Últimos					
	2/4 3/4 4/4 5/4	1/abril 5,059 2/abril 5,058 3/abril 5,040 4/abril 5,050					

FINANÇAS

Supervalorização de bitcoins no mercado

Alta da moeda virtual nos últimos meses chama a atenção de investidores. Marco legal deve ajudar a diminuir desconfiança

» RAPHAEL PATI

Desde o ano passado, o bitcoin se destaca no cenário financeiro internacional pela extrema valorização do ativo digital. Os números impressionam. Nos últimos 12 meses, a moeda virtual registrou crescimento de mais de 130%, e saltou de US\$ 28 mil para US\$ 67 mil durante esse percurso. Para efeito de comparação, nesse mesmo período, os principais índices de renda variável tiveram um avanço bem menor: o índice de BDRs (Brazilian Depositary Receipts) subiu 34,64%, enquanto o índice de Dividendos e o Ibovespa avançaram 27,2% e 25,74%, respectivamente.

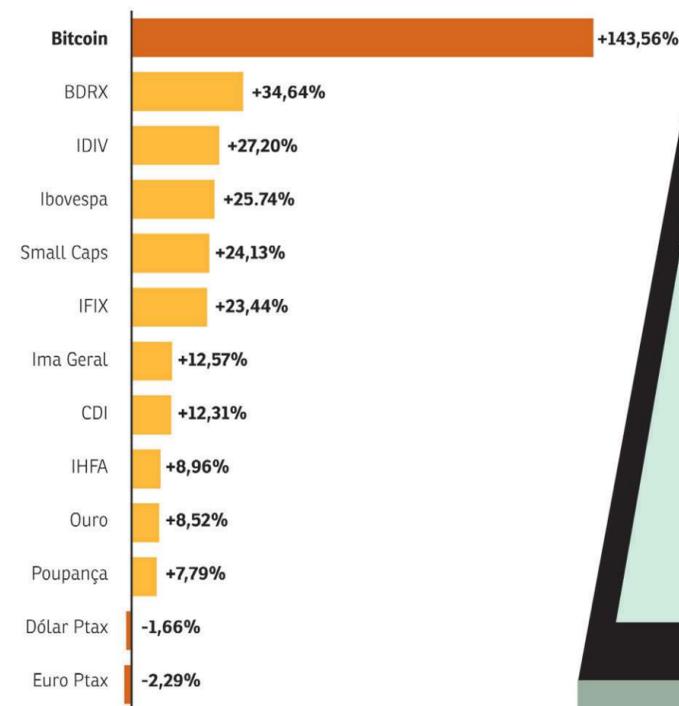
Somente no primeiro trimestre de 2024, o bitcoin acumulou uma impressionante valorização de 72,20%, e foi, de longe, o ativo financeiro que registrou o maior aumento de valor durante o período. Nesta última sexta-feira (5/4), a criptomoeda apresentou uma leve queda de 1%, e está avaliada em US\$ 67,8 mil, ou R\$ 343,8 mil, na cotação atual.

Diante desse cenário, investidores mais conservadores começam a enxergar no bitcoin uma opção de investimento mais rentável, apesar de não haver nenhuma garantia de valorização. Especialistas ouvidos pelo **Correio** acreditam que o ciclo de valorização da criptomoeda mais famosa do mundo ainda não se encerrou e que é necessário ficar atento a eventos deste ano que podem agregar ainda mais valor ao ativo. O principal evento mencionado pelos analistas é o chamado “halving”. Para explicar o termo, é preciso entender que o bitcoin é obtido, principalmente, por meio de um processo de “mineração”, que significa a criação e emissão de novos ativos digitais por meio da atualização das carteiras digitais da moeda após cada nova transação realizada.

Com o efeito do halving — que vem do inglês “half”, que significa “metade” —, a oferta de bitcoin no processo de mineração é reduzida ao meio, além do direito de comercialização, que cai de 12,5 btc para 6,25 btc. Diante disso, a tendência é que a demanda pela moeda aumente e, por consequência, o valor

Liderança absoluta

Bitcoin registra valorização de quase 150% em um ano e lidera com folga as aplicações nos últimos 12 meses. Os dados foram contabilizados de abril de 2023 a março deste ano.



Fonte: Einar Rivero, Elos Aytá Consultoria

fique ainda mais alto, como explica o economista e sócio da Blue-matrix Asset, Renan Silva.

“Isso faz parte do código da moeda. E isso acontece de quatro em quatro anos, o que realmente limita a oferta da moeda e, consequentemente, aumenta a pressão sobre o preço. Então, todo mundo busca esse resultado, essa pressão sobre o preço, por conta dessa menor oferta”, analisa o economista. O halving começa neste mês de abril. O último evento dessa natureza ocorreu no mesmo mês, em 2020.

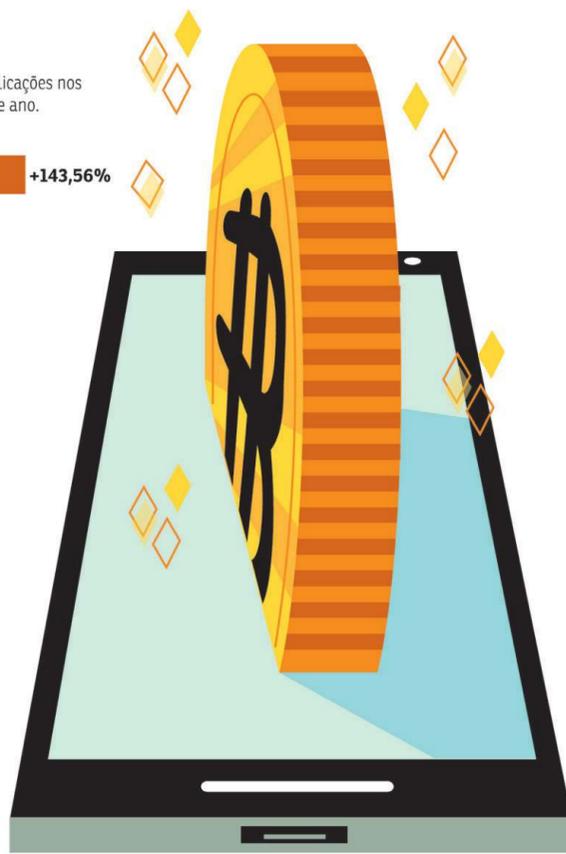
Outro indicador que reforça o discurso que prevê uma continuidade da valorização do bitcoin é a tendência observada em halvings anteriores, quando sempre houve um aumento do valor da moeda digital. Essa é a visão da economista Raquel Vieira, fundadora da WeTrade, que também observou

uma mudança nesse movimento em 2024, na comparação com os eventos passados.

“Historicamente, quando a gente pega os halvings anteriores, a gente consegue ver que o bitcoin nesses períodos sempre valorizou. E, desta vez, o ativo até se antecipou ao halving, que ainda não aconteceu, está para acontecer ainda, e mesmo assim ele já bateu a alta histórica de antes. Então isso é algo muito positivo, que pode fazer a criptomoeda estar diante de um dos maiores ciclos de mercado que a gente está tendo”, avalia Vieira.

Moeda sem lastro

Apesar da expectativa ser mais favorável a uma valorização, o professor de Economia da Universidade de São Paulo (USP) de Ribeirão Preto, Luciano



Pacífico/CB/D.A Press

Nakabashi, pondera que o halving já é esperado pelo mercado e pode não causar tanto aumento de valor quanto poderia ser imaginado. Além disso, ele ressalta o risco elevado em se investir nesse tipo de ativo, que não possui lastro como as moedas convencionais, o que diminui a segurança do patrimônio.

“Mesmo as moedas nacionais, como o real, possuem a obrigatoriedade, por força de lei, para que sejam aceitas como meio de pagamento, o que não ocorre com o bitcoin. No cenário atual de aumento do preço do bitcoin, as regulamentações aprovadas pelas autoridades norte-americanas ajudam a entender esse movimento de alta. Mas isso é somente parte desse aumento da confiança dos agentes econômicos (pessoas físicas e jurídicas) no bitcoin”, ressalta o professor.

Assim como explica Nakabashi, o valor do bitcoin depende quase que inteiramente do nível de confiança do mercado na moeda. Caso haja uma quebra nesse otimismo, a moeda pode oscilar gravemente para baixo, pelo fato de ser muito volátil e sensível às ações do mercado financeiro. Outros fatores, além do halving, ainda são preponderantes para esse cenário positivo.

Em janeiro deste ano, começaram a operar nas bolsas dos Estados Unidos os ETFs de bitcoin. Do termo em inglês “exchange-traded fund” (ou fundos de investimentos, em português), os ETFs são fundos negociados na Bolsa de Valores que funcionam como se fossem uma ação. Com a rápida aprovação do mercado financeiro, esses fundos tiveram uma intensa valorização nos índices norte-americanos.

Um exemplo de sucesso nos Estados Unidos foi o dos ETFs de bitcoin da BlackRock — empresa de gestão de investimentos do país. Em apenas dois meses em operação, o índice que mede a confiança e valorização dos fundos em bitcoin dessa empresa alcançou a marca de US\$ 10 bilhões. A nível de comparação, o primeiro ETF de ouro demorou dois anos para alcançar o mesmo nível.

“Isso gerou uma grande credibilidade e uma megavalorização (da criptomoeda) no curto prazo. Acontece que muitos institucionais ficaram de olho, grandes investidores, e por isso, o bitcoin ficou ganhando uma grande credibilidade”, aponta a economista Raquel Vieira, que também acredita que uma queda nos juros nos EUA pode dar espaço para uma valorização ainda maior da cripto.

Contrato futuro

No Brasil, a Comissão de Valores Mobiliários (CVM) aprovou o lançamento de um contrato futuro de bitcoin na Bolsa de Valores de São Paulo, que utilizará o índice Nasdaq Bitcoin Reference Price como referência e terá um valor equivalente a 0,1 bitcoin, ou 10% do valor da criptomoeda em reais, com vencimento mensal. A B3 anunciou, no último dia 28 de março, que pretende lançar o novo produto no mercado no dia 17 deste mês.

“Esse lançamento atende uma demanda por um produto derivativo que permite a proteção da oscilação de preços do bitcoin ou a exposição direcional ao ativo, mantendo a segurança de operar no ambiente da Bolsa do Brasil”, destacou, em nota, o superintendente de Produtos de Juros e Moedas da B3, Felipe Gonçalves.

Segundo a operadora da Bolsa brasileira, o funcionamento desse novo contrato futuro será parecido com os que já existem no mercado. Ele permitirá que os investidores negociem a variação do preço do bitcoin em um ambiente regulado e com liquidez diária. Não haverá compra ou venda de bitcoins nesse sistema, e os resultados financeiros terão como base a variação de preço da criptomoeda.

Divulgação



Flávio D'Urso: marco dos criptoativos tem papel importante

BC avança na regulação das criptomoedas

O Banco Central conduz, desde o ano passado, o processo de regulamentação das criptomoedas — ou ativos digitais — no país. A competência de ser o órgão regulador nesse caso foi conferida pela Lei nº 14.478/2022, o chamado Marco Legal das Criptomoedas, em vigor desde junho de 2023.

Diante disso, há uma expectativa entre os investidores das moedas virtuais sobre que papel o Estado vai assumir nas transações entre esses ativos.

Mesmo sem haver uma data definida para a concretização da norma que regulamentará as criptomoedas no Brasil, a previsão é de que esse processo seja conduzido com maior celeridade, devido à urgência do tema. No fim do último mês de dezembro, o BCB

abriu uma consulta pública para colher sugestões dos cidadãos para a elaboração das normas que definirão a regulação.

Após a publicação de um questionário, aberto à sociedade, a autoridade monetária encerrou no fim de janeiro essa primeira fase da elaboração das diretrizes. Nessa etapa, há perguntas envolvidas temas como segurança cibernética, segurança patrimonial e gestão de risco, prevenção à lavagem de dinheiro, entre outros.

Atualmente, o órgão está em processo de elaboração de duas minutas, com os subsídios enviados pelos cidadãos, que vai estabelecer a regulamentação dos ativos no país. Com os documentos finalizados, será aberta uma nova consulta pública, já com a

publicação das diretrizes estabelecidas pelo Banco Central.

Na visão do presidente do Instituto Nacional de Estudos sobre Criptoativos (Incripto), Flávio D'Urso, a regulação de um ativo que foi criado, na sua origem, para ser “contrário ao sistema”, gera, normalmente, um conflito de ideias e de caminhos. Apesar disso, ele considera que, após o Marco dos Cripto, houve um maior interesse entre os brasileiros em investir nesses ativos.

“Se, por um lado, pode ser visto como algo negativo porque vem regular algo que não deveria ser regulado, por outro traz a possibilidade de outras pessoas adentrarem nesse universo. Eu creio que, nesse sentido, o Marco Legal dos Criptoativos tem

um papel importante a desempenhar, que é tirar essa imagem tão negativa que as criptomoedas, principalmente, têm desde o seu surgimento”, avalia.

Além disso, para o presidente do Incripto, o uso das criptomoedas para lavagem de dinheiro — um dos principais argumentos contrários ao uso das moedas digitais — é inconsistente, devido ao percentual baixo de uso ilegal nas transações.

Para a especialista em investimento e risco pela FGV e em gestão de negócios pelo Ibmec Merula Borges, a regulação das criptomoedas já era um tema esperado pelo mercado. “Outros países, como o Japão, já têm trabalhado nisso e o Brasil segue esse caminho”, avalia. (RP)